



## RESENHA – REVIEW – RESEÑA

### ESPORTE, RETÓRICA E GÊNERO

### SPORT, RHETORIC, AND GENDER

### DEPORTE, RETÓRICA Y GÉNERO

Por: **Wagner Xavier de Camargo**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador em Programa Sanduíche na “Freie Universität von Berlin” (FU-Berlin/Alemanha). Email: [wxcamargo@gmail.com](mailto:wxcamargo@gmail.com)

FULLER, Linda K. (org). **Sport, Rhetoric, and Gender: Historical Perspectives and Media Representations**. New York: Palgrave MacMillan, 2006. 274 p.

Num momento de *boom* temático de questões sociológicas ligadas aos estudos de gênero, a compilação de Linda K. Fuller exerce um papel fundamental junto à academia, não apenas por endereçar preocupações incrustadas nos discursos de jovens linhas de investigação, como por proporcionar a abertura de outras possibilidades analíticas a partir dos três pilares sobre os quais o livro se edifica: esporte, linguagem e gênero.

É na introdução que a organizadora estabelece o cenário para o deslindar das conexões pré-estabelecidas: o esporte, na arena global, envolve competitividade e rendimento, mas não deixa de representar valores culturais, regulados por tradições locais e tabus. Além disso, é uma instituição social generificada<sup>1</sup>, em que minorias — particularmente as mulheres — senão se encontrarem excluídas, não participarão desse universo com o mesmo *status* e poder. Dessa forma, convoca Antonio Gramsci e o conceito de hegemonia para estabelecer as discussões acerca da

<sup>1</sup> Como ilustra de modo interessante: “Like its female counterpart, masculinity is a social construct, the body eroticized to become an object of desire. In early every culture, men are socialized to be aggressors, women to be victims.” (p. 6)



“masculinidade hegemônica”. Portanto, diz que as pesquisas relacionadas no livro giram em torno do que se pode designar como *maculine-powered society* (sociedade do empoderamento masculino), em que o modo como os esportes são vistos e o formato em que são considerados, inclusive por parte da mídia televisiva, reforçam a ideologia da hegemonia masculina e reproduzem a fórmula dessa masculinidade que atravessa gerações, inculcando (e replicando ao infinito) valores masculinistas, e alimentando ao mesmo tempo o complexo esportivo midiático global. Radicalizando, Fuller destaca: “[...] we better understand the vocabulary of exploitation [...] the better prepared we will be to take action(s)” (p. 9).

Em realidade, a obra é uma tentativa de observar como o esporte, enquanto fenômeno cultural, é perpassado por discursos e atravessado pelo complexo campo dos gêneros e da linguagem. A organizadora destaca a dimensão interdisciplinar intrínseca na composição das seis partes e dos 21 capítulos que compõem a obra.

Na primeira parte, denominada “Esporte, linguagem por si”, há a presença de três capítulos<sup>2</sup>, cujos autores têm um *background* sociológico bem marcado. O destaque é o capítulo 1, em que o termo *sportswomanship* é cunhado como conceito analítico em diálogo direto com o seu correlato, *sportsmanship*. Enquanto esse último significa um compromisso de jogar de acordo com as regras, atuando de modo responsável, justo e respeitoso para com os oponentes, o novo termo traria uma dimensão mais subversiva: comportamentos éticos produzidos por mulheres esportistas e representativos da femininidade na sociedade, bem como condutas feminilizadas, consistentes com normas culturais femininas<sup>3</sup>. Marlene Mawson desenvolve sua argumentação crítica na defesa do conceito, resgatando, inclusive, sob perspectiva histórica, o modelo de comportamento impresso por atletas mulheres ao longo dos dois últimos séculos. Ainda nessa seção, o capítulo 3 traz parte da tese de doutorado de Faye Wachs: a partir de uma etnografia junto a cinco ligas de softbol (*softball*) na Carolina do Sul (EUA), ela identificou como a linguagem cotidiana utilizada pelas jogadoras é genericada e carregada por desequilíbrio de

---

<sup>2</sup> São eles: Capítulo 1: “Sportswomanship” - a aceitação cultural do esporte por mulheres versus a acomodação de mulheres aculturadas no esporte; Capítulo 2: Linguagem, Gênero e Esporte - uma revisão da literatura investigada; Capítulo 3: “Lançando como Mulher” não significa como é empregado - pesquisa em gênero, linguagem e poder.

<sup>3</sup> No original: “*Sportswomanship*, a word coined by the author, refers to ethical behaviors ascribed for women engaged in sport and behaviors representative of femininity in society; as such, it requires both an ethical competitive behavior as well as ‘ladylike’ conduct consistent with cultural norms for females.” (p. 20) [grifo da autora do capítulo]

poder entre gêneros. Por sua vez, a contribuição teórica fundamental — que pode ser generalizada para toda a primeira parte — advém do capítulo 2, de Jeffrey O. Segrave et al., que concluem como o discurso esportivo atua numa linha de construção metafórica para a manutenção da ideologia patriarcal e para o privilégio de gênero (no caso, masculino)<sup>4</sup>.

Em “Perspectivas históricas”, segunda parte também composta por três capítulos<sup>5</sup>, todos os textos trazem análises de problemáticas relacionadas temporalmente com a passagem dos séculos XIX e XX. Ganha evidência o artigo sobre a importância da jornalista Winifred Black, primeira mulher a reportar o mundo esportivo masculino, observando os homens como eles se viam, não como as mulheres os consideravam. O capítulo 5 é uma análise de seus escritos em comparação com os de outros jornalistas da sua época e uma demonstração de como “Annie Laurie” (seu pseudônimo) conseguiu imprimir um estilo de grafia esportiva que discutia, inclusive, papéis de gênero na sociedade norte-americana daquele período. Já o capítulo 4 encerra uma apreciação das descrições textuais e das imagens de mulheres atletas, presentes na mídia impressa, e como isso servia para reforçar e refletir a ideologia de gênero masculinista. E, na (re)visitação aos escritos de George H. Fitch — escritor de crônicas futebolísticas ficcionais de jovens fanfarrões de um colégio também imaginário — Jane Stangl (cap. 6) revela como tal recriação imaginária refletia o microcosmo do mundo estudantil da época, não apenas reforçando a hegemonia masculina, como divulgando valores burgueses de brancura e heterossexualidade.

As partes III, IV e V tratam de representações midiáticas, seja em jornais, televisão e outras linguagens (como filmes, vídeos e transmissões esportivas). Dos capítulos da parte III<sup>6</sup>, importa evidenciar a etnografia realizada por Treena Orchard et al. junto a um programa de educação física para jovens mães

<sup>4</sup> O destaque é para o subitem “A Linguagem Metafórica do Esporte” (Cf. p. 36 e ss).

<sup>5</sup> Assim intitulados, Capítulo 4: ‘Um brilho de excitação prazerosa’ - imagens da nova mulher atlética na cultura popular americana, de 1880-1920; Capítulo 5: Uma mulher num mundo masculino - ‘Annie Laurie’, uma das primeiras escritoras esportistas; Capítulo 6: Branco Selvagem(m)-ria: revisitando os alunos e as alunas do velho Colégio *Siwash*.

<sup>6</sup> São cinco os capítulos desta seção: 7: Ela é sempre convocada, porém nunca fica famosa; 8: Forte suficiente para ser homem, mas é mulher: discursos no esporte e femininidade na *Sports Illustrated for Women*; 9: Indo por outro Caminho - a retórica do ‘somente mulher’ contida no *Runner’s World*; 10: Controle de Exercícios - empoderamento e discurso da forma física; 11: Minimizando o modelo da *Revista Maxim*? Interpretando a retórica do corpo sexual de mães adolescentes por meio da educação física.

adolescentes de maioria aborígine, na província de Manitoba, Canadá (cap. 11). As autoras analisam suas estratégias discursivas acerca da revista *Maxim* e dos significados do “sentir-se bem”, sob o prisma da saúde e também do ponto de vista sexual e dos desejos, dimensão essa não esperada pelo estudo. Ao contrário do que se poderia prever, há resistência e subversão por parte das jovens, no sentido de não aceitarem os ditames “máximos” de medidas corporais endereçados pela publicação e isso, para Orchard et al., não apenas abre perspectivas para estudos de retóricas sexo-corporais de mulheres jovens marginalizadas, como “[...] also opening up further areas for theoretical investigation of the speech, movement, and desires of mothers defying the *Maxim* model.” (p. 141).

Dentre os demais artigos, o capítulo 7 aborda como a figura feminina das atletas é sub-representada em publicações oficiais e analisa, particularmente, o caso do basquete feminino norte-americano e a WNBA (Women’s National Basketball Association), que não tem a mesma importância que sua congênera NBA, por motivos de falta de marketing sobre a mulher enquanto ser esportivo. O texto de Cheryl Cooky (cap. 8), por sua vez, explora as representações femininas (de garotas e mulheres) na revista *Sports Illustrated for Women*, correlacionadas com a condição atlética e com os modos nos quais poder/conhecimento estão postos a serviço dos discursos dominantes. A contribuição foucaultiana para a discussão saber/poder é convocada, mas através de comentaristas, o que acaba por deixar superficial algo que poderia ter atingido certa densidade teórica. O artigo nono da coletânea é uma análise da coluna *Womens’ Running*, da revista *Runner’s World*, baseando-se na linguagem empregada e no conteúdo endereçado às leitoras. As autoras do texto defendem que a coluna trazia conteúdo crítico, sob uma perspectiva feminista radical e, além disso, construía um “espaço seguro” para os valores esportivos femininos. Por fim, o capítulo 10 desta seção, de Jennifer Maguire, desenvolve análises do discurso de treze textos de forma física, dos anos 1970 a 1990. Conclui como os discursos postados naturalizavam um modo particular de entendimento de forma física, estabelecendo limites rígidos ao empoderamento feminino.

As partes IV<sup>7</sup> e V<sup>8</sup> podem ser consideradas em conjunto. O capítulo 12 critica dois programas cotidianos de aeróbica na TV, voltados para o público feminino, problematizando os discursos que reforçam percepções tradicionais, as quais sugerem que os exercícios de aeróbica não são atividades atléticas, e sim formas de perda de peso para mulheres. O texto de James Hallmark (cap. 13), de outro lado, se encarrega de analisar as falas generificadas de narradores esportivos, na transmissão da ESPN do Campeonato Nacional de Basquetebol Feminino de 2002, da “National Collegiate Athletic Association” (NCAA). Da próxima seção temática, o capítulo 14 resgata mais de 1.100 artigos de jornais americanos, em quase 30 anos de história do tênis profissional, perscrutando o que foi escrito sobre tenistas profissionais do gênero feminino. Mais descritivo do que analítico, o texto valeria para propósitos metodológicos, uma vez que explica detalhadamente todo o processo do material coletado. Na mesma linha de trabalho, e um pouco decepcionante, é o trabalho de Linda K. Fuller, no capítulo seguinte. Apesar da inovação em escolher três produções cinematográficas<sup>9</sup> para sua proposta analítica, a autora prefere descrever a analisar, e pouco ou nada pode concluir na esteira da perspectiva feminista, a que se refere na introdução. Por último vem o capítulo 16, de Catherine Sabiston e Brian Wilson, sobre Britney Spears e a influência de corpos de celebridades sobre desejos e vontades de adolescentes. O objetivo foi examinar as temáticas corpo, gênero, mídia, saúde, celebridade na (re)leitura interrelacionada dos videoclipes e das letras das músicas escolhidas<sup>10</sup>.

A derradeira parte é reservada ao que é denominado “Estudos de Caso Clássicos” (parte VI), composta por cinco capítulos<sup>11</sup>. Apesar de ser a seção menos

---

<sup>7</sup> Esta parte tem apenas dois capítulos: o 12: TV e Aeróbica - empoderamento e patriarcalismo em *Denise Austin's Daily Workouts*; e o 13: Nós não coramos, suamos! Comentários de sempre sobre mulheres no esporte.

<sup>8</sup> Capítulos 14: A Face do Jogo - o uso de linguagem sexualizada por parte de repórteres esportivos na cobertura dos torneios profissionais femininos de tênis; 15: A Vampira, a Caseira e a Interesseira - mulheres e a linguagem dos filmes de beisebol; 16: Britney, o Corpo e a Cultura Popular - um estudo de caso de videoclips, gênero, uma celebridade em ascensão e questões de saúde.

<sup>9</sup> Três filmes comerciais sobre beisebol feminino, produzidos em diferentes momentos da história do cinema: “Girls can play” (1937), “Squeeze play” (1979) e “A league of Their Own” (1992).

<sup>10</sup> As músicas escolhidas foram: “Baby one more time” (1999), “Oops... I did it again” (2000) e “I’m a slave for you” (2001).

<sup>11</sup> Capítulo 17: Garoto Maravilha NASCAR - Jeff Gordon como um ambivalente símbolo sexual na subcultura macho”; Capítulo 18: ‘Hey, sou a esposa do técnico, não a mãe do time’ - a retórica dos papéis performáticos das mães de equipes pequenas; Capítulo 19: ‘Man-On’ - a cultura do futebol feminino; Capítulo 20: O feito do perfeito sacrifício - uma análise retórica das descrições dos técnicos

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 364-370, jul/dez. 2010

interessante da publicação, nela é contido um artigo sobre automobilismo, atleta *gay* e (sub)cultura 'macho' (cap. 17), único do gênero no livro. Com a análise sobre a vida esportista de Jeff Gordon, corredor-ídolo da *Stock Car* nos anos 1980-90, o texto procura responder à indagação dos motivos que levam os norteamericanos a se importarem tanto com a presença de *gays* nos esportes. No décimo oitavo capítulo, por sua vez, considerações reflexivas são tecidas sobre o trabalho de algumas mães (e também filhas) junto às equipes mirins de beisebol. Tais agentes desempenham funções fundamentais de coesão grupal, assistência e cuidados aos pequenos, e suporte generalizado antes, durante e após jogos, mas suas presenças são inviabilizadas e os discursos sobre suas tarefas são sexistas e preconceituosos. A autora conclui que, se analisadas com cuidado, as retóricas femininas podem ser produto de resistência.

De todo o livro, o capítulo 19 é o único ensaio existente, escrito por uma ex-futebolista de New Orleans. O texto trata da cultura do *soccer* (futebol) entre garotas/mulheres e desenvolve um prisma feminino sobre questões que envolvem a tão masculinizada modalidade esportiva, tentando considerar o estilo de jogo, a linguagem e as vestimentas, por exemplo. É o artigo com menor desenvolvimento teórico, mas é o que apresenta mais *insights* para se pensar o futebol por diferentes prismas.

O penúltimo capítulo analisa publicações de técnicos do *football* (futebol americano), propondo-se resgatar as figuras de suas mulheres e a importância que tiveram em parte de suas vidas (pessoais e profissionais). Conclui-se que naquela cultura esportiva há um livro "informal" que dita "como deve ser uma perfeita esposa de técnico esportivo". Por isso, valores masculinistas inculcados são, geralmente, mantidos: "It is the language that football coaches use when talking about their wives that makes her role seem enjoyable. It works in a hierarchical manner, reinforcing the polarization of genders." (p. 249).

Por fim, o capítulo 21 explora respostas de 150 meninas em idade escolar acerca de suas participações nas aulas de educação física e no esporte convencional. A partir da análise do *survey*, a autora considera que alguns fatores contribuem para a adoção ou a rejeição da identidade atlética por parte das garotas

investigadas, e que é preciso atentar para os discursos que envolvem a iniciação esportiva, de modo a não continuar alijando potenciais talentos e mesmo mantendo a atual hierarquia de gênero no campo esportivo.

Notadamente com um espectro amplo de temas tratados, a presente publicação é importante referência para o estudo do esporte nas Humanidades. A proposta de junção das análises da linguagem e dos meios de comunicação contribui para um caráter mais interdisciplinar e traz uma atmosfera mais complexa às problemáticas endereçadas. A fim de atingir realmente o espectro internacional, no entanto, haveria a necessidade de capturar e analisar outras expressões do esporte no planisfério global, não só as manifestas em países centrais do hemisfério norte, notadamente EUA, Canadá e Inglaterra, de onde a maioria dos escritos provém.

Resenha:

Recebido em: 31/10/2010

Aceito em: 08/11/2010